

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

OSMAR DA MAIA JÚNIOR

MATEMÁTICA, GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

**FLORIANÓPOLIS
2016**

OSMAR DA MAIA JÚNIOR

MATEMÁTICA, GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal De Santa Catarina como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Prof.a. Carla Giovana Cabral

**FLORIANÓPOLIS
2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

MAIA JÚNIOR, Osmar da
MATEMÁTICA, GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA / Osmar da
MAIA JÚNIOR ; orientador, Carla Giovana Cabral -
Florianópolis, SC, 2016.
43 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1.Gênero. 3. Diversidade. 4. Matemática . I. Cabral,
Carla Giovana . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Gênero e Diversidade na Escola. III. Título.

OSMAR DA MAIA JÚNIOR

MATEMÁTICA, GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

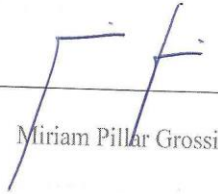
Aprovado em 10 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

Banca Examinadora:



Miriam Pillar Grossi



Daiana Nardino Dias



Maurício Pereira Gomes

Dedico este trabalho aos meus alunos que foram o motivo da realização deste estudo.

AGRADECIMENTOS

À Deus, eterno mestre.

A Maria Cecília Linhares da Maia, esposa, e a Isabela Linhares da Maia, filha porque família é tudo.

A inspiradora Rosane de Oliveira Schmauch.

Aos cursistas pelo apoio, empenho e amizade.

A Tutora Claudia Maria dos Anjos pela sua total dedicação.

Ao GDE em toda a plenitude pelo extraordinário trabalho realizado.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

“É importante discutirmos a temática de gênero e educação porque a instituição escolar, de forma explícita ou implícita, por meio do seu currículo, seu projeto político pedagógico, plano anual, plano de aula, material pedagógico, suas práticas pedagógicas, linguagens, brincadeiras, ainda é um local privilegiado para discussão e reflexão sobre a produção e reprodução das desigualdades entre os gêneros.

(GRAUPE e BRAGAGNOLLO 2015)

RESUMO

A desigualdade entre os gêneros sempre foi para o pesquisador uma barreira a ser ultrapassada. Os freqüentes e instigantes questionamentos feitos por minha esposa e filha contribuíram para uma melhor percepção dentro e fora da escola. Despreparado para lidar com toda a diversidade escolar e sentindo uma urgente necessidade de buscar conhecimento, sem noção do que tudo se tratava, uma amiga e professora Rosane de Oliveira Schmauch comentou sobre a especialização de Gênero e Diversidade na Escola ofertada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Embora já trabalhasse algumas questões relacionadas a gênero principalmente nas intervenções nos desentendimentos entre os alunos, jamais poderia imaginar a significância que a especialização poderia lhe proporcionar. Através desta especialização percebi que o insuficiente conhecimento, a falta de metodologias específicas e o pouco desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para os docentes de matemática no tocante a abordagem das questões de Gênero e Diversidade na Escola continuam sendo um intolerante ato de omissão. Através de algumas práticas pedagógicas procuro mostrar que as questões relacionadas à Gênero e Diversidade na Escola poderão ser facilmente inseridas no planejamento escolar de forma eficaz. A desconstrução e as reflexões são necessárias na abordagem aos ataques de Gênero e Diversidade na Escola. Compreender e se fazer compreender de que costurar também é coisa de homem bem como a matemática é coisa de mulher e fazer com que os alunos e professores observem que fácil foi imaginar, extremamente difícil foi vivenciar e gratificante é compartilhar, são exemplos de que os questionamentos trazidos pelos próprios alunos poderão ser um grande aliado ao desenvolvimento das temáticas. Não se pode mais fazer de conta de que as questões de gênero não afetam o rendimento escolar dos alunos, e em especial das alunas. A omissão nos torna responsável por estes intolerantes atos.

Palavras-chave: Matemática. Gênero. Diversidade. Escola.

ABSTRACT

Gender inequality has always been a barrier for the researcher to overcome. The frequent and thought-provoking questions asked by his wife and daughter contributed to a better perception inside and outside of school. Unprepared to deal with all school diversity and feeling an urgent need to seek knowledge, without understanding what it was all about, a friend and teacher Rosane de Oliveira Schmauch commented on the specialization of Gender and Diversity in the School offered by the Federal University of Santa Catarina (UFSC). Although she had already worked out some gender-related issues mainly in intervening in misunderstandings between students, she could never have imagined the significance that specialization could bring her. Through this specialization he realized that insufficient knowledge, the lack of specific methodologies and the poor development of pedagogical practices aimed at teachers of mathematics in addressing the issues of Gender and Diversity in School remain an intolerant act of omission. Through some pedagogical practices the researcher seeks to show that issues related to Gender and Diversity in School can be easily inserted into school planning effectively. Deconstruction and reflections are necessary in approaching the attacks of Gender and Diversity in School. Understand and make yourself understood that sewing is also a man thing, as well as mathematics is a woman's thing and to make students and teachers observe how easy it was to imagine, extremely difficult was to experience and gratifying to share, are examples of which the questionings Brought by the students themselves could be a great ally to the development of the themes. It can no longer be assumed that gender issues do not affect the school performance of pupils, and especially pupils. The omission makes us responsible for these intolerant acts.

Keywords: Mathematics. Gender. Diversity. School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Projeto Setembro Verde.....	19
Figura 02 – Projeto Setembro Verde – Questões abordadas.....	20
Figura 03 – Organograma para a modalidade basquete.....	23
Figura 04 – Organograma para a modalidade futebol.....	24
Figura 05 – Chaveiros costurados.....	26
Figura 06 – Chaveiros costurados.....	26
Figura 07 – Chaveiros costurados.....	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEE/SC – Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina.

DSTs – Doenças Sexualmente Transmissíveis.

EaD – Educação a Distância.

EEB – Escola de Educação Básica.

GDE – Gênero e Diversidade na Escola.

PNEDH – Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos.

PPP – Plano Político Pedagógico.

SUS – Sistema Único de Saúde.

UE – Unidade Escolar.

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	15
2.1 PONTO DE PARTIDA DE INSERÇÃO NA TEMÁTICA GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA.....	15
2.2 A DIFICULDADE DOS DOCENTES EM MATEMÁTICA NA ABORDAGEM DAS QUESTÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE.....	17
2.3 ABORDAGENS NO ENSINO DE MATEMÁTICA.....	18
2.3.1 Setembro Verde – estatística doação de órgãos.....	18
2.4 MATEMÁTICA GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA.....	21
2.4.1 Hora atividade e educação física.....	21
2.4.2 Matemática, educação física e abordagem sobre gênero.....	22
2.5 CHAVEIRINHOS NA ESCOLA.....	25
2.6 A COSTURA, GÊNERO E MATEMÁTICA.....	26
2.7 MATEMÁTICA E A DANÇA.....	28
2.8 DEFICIÊNCIA E INCLUSÃO.....	29
2.9 SEM VOZ, MAS, NÃO INCAPAZ.....	31
2.10 A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA – MATEMÁTICA E AS QUESTÕES DE	

GÊNERO.....	32
2.11 DO OUTRO LADO.....	34
2.11.1 Dia do cinema na escola.....	34
2.11.2 A experiência auditiva.....	35
2.12 FORA DA ESCOLA.....	36
3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....	38
3.1.1 Tipo de estudo.....	38
3.1.2 Cenário, população e amostra do estudo.....	38
3.1.3 Coleta dos dados.....	38
3.1.4 Análise dos dados	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

Esta monografia apresentada ao curso de Pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Polo de Itapema, tem por objetivo mostrar que o insuficiente conhecimento, a falta de metodologias específicas e o pouco desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para os docentes de matemática no tocante a abordagem das questões de Gênero e Diversidade na Escola.

O interesse no tema surgiu por perceber que a cultura de que os homens se sobressaem melhor em matemática do que as mulheres. As implicações nas questões de gênero e diversidade na escola com a falta de metodologias e práticas pedagógicas específicas voltadas para docentes de matemática, trazidas pelas experiências pessoais para que sejam inspiradoras para o desenvolvimento de futuras abordagens pelos docentes de matemática nas unidades escolares.

Assim, neste estudo se partiu da questão problema: É possível realizar uma prática pedagógica que valorize as questões de gênero e diversidade nas aulas de Matemática?

A importância deste trabalho está em mostrar para os docentes de matemática que a abordagem de gênero e diversidade na escola no ensino de matemática é possível uma vez que ainda há poucos estudos neste sentido e a necessidade urgente em avançar neste campo.

2. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Neste capítulo apresento um relato de experiência vivenciado pelo pesquisador, no qual se explanará algumas atividades que foram realizadas abordando a temática de gênero e diversidade na matemática durante a pesquisa.

2.1 PONTO DE PARTIDA DE INSERÇÃO NA TEMÁTICA GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA.

Sou professor de matemática há mais de vinte anos na Rede Pública Estadual, admitido em caráter temporário (ACT), atuando no ensino fundamental, séries iniciais, anos finais e no ensino médio.

Há aproximadamente doze anos aconteceu um fato inusitado comigo. Minha filha na ocasião tinha quatro anos e na época circulava nos meios de comunicação uma propaganda para o dia das crianças de um brinquedo que era um posto de lavagem “lava-lava”. A propaganda em si era voltada para o público masculino, pois nela apareciam somente meninos brincando, não havia em nenhum momento a figura de uma menina participando. Imediatamente após assistir a propaganda a filha lhe disse:

_ “Pai, eu quero ganhar este brinquedo no dia das crianças”.

Muito rapidamente e sem pensar respondi para ela:

_ “Filha, este brinquedo é para meninos e não para meninas”.

Então ela levantou-se, colocou as mãos na cintura, inclinou sua cabeça para o lado e respondeu:

_ “Pai, mulheres também dirigem”.

Então ele sorriu e lhe respondeu:

_ “Está certa filha, vou comprar o brinquedo para você”.

Esta prazerosa e inesquecível experiência ficará eternizada na memória do pesquisador, pois, este então foi o marco inicial de inserção sobre as questões de abordagem de gênero.

A partir daquele momento meus olhares ficaram mais atentos no espaço escolar. Perceber e presenciar que muitas mudanças significativas de comportamento “diferentes” já estavam acontecendo, e que por vezes me chamavam a atenção.

Costumo dizer que é na escola que tudo acontece e agora mais do que nunca entendo o quanto que as questões relacionadas a gênero e a matemática produzem desigualdades que ultrapassam o espaço escolar, interferindo na vida das pessoas por toda sua existência, quer seja no espaço de estudos, laboral ou social.

A maioria das pessoas que convivem no espaço escolar ainda não tem o conhecimento do quão importante e relevante é identificarmos e eliminarmos tais condutas que geram estas desigualdades de gênero. É necessário esclarecermos este assunto, corrigirmos estes problemas que provocam estas diferenças existentes entre homem e mulher.

Mundialmente permeia uma falsa idéia de incapacidade feminina no tocante à disciplina de matemática nas unidades escolares.

Como os homens seguem mais as carreiras que envolvem as exatas, tais como: engenharia, ciência, tecnologia, matemática e física, a matemática ainda é vista pela sociedade como uma das disciplinas voltadas para o público masculino e no ambiente escolar, estes discursos ficam ainda mais evidenciados.

Não é de hoje que estudos apontam que a falta de igualdade entre os sexos é uma das razões pela quais poucas mulheres optam pela carreira de matemática. Prematuramente, elas ouvirem repetidamente de que matemática “não é coisa de mulher”.

Conforme citam Maria Celeste R. F. de Souza e Maria da Conceição F. R. Fonseca no livro *Relações de gênero, Educação Matemática e discurso enunciados sobre mulheres, homens e matemática*:

As condutas de mulheres e homens nas práticas de numeramento mostraram que o espaço escolar é um espaço de produção de identidades hegemônicas de gênero. Assim, no espaço da escola e pelo aparato discursivo que nela circula, que ela produz e nela se produz, a matemática continua sendo, constantemente, veiculada como própria a um reduto masculino, ao mesmo tempo em que se fabricam como *naturais* a razão como *posse* do homem, e a *falha*, a *dificuldade* ou a *dedicação feminina* frente a essa matemática como *inerentes* à condição feminina. "Como a vida é convocada na escola a servir ao "domínio da razão", o que prevalece como verdade é que homens são *naturalmente melhores em matemática do que mulheres*" (SOUZA; FONSECA, 2010, p.135).

Não se pode mais fazer de conta de que as questões de gênero não afetam o rendimento escolar dos alunos, e em especial das alunas. A omissão nos torna responsável por estes intolerantes atos.

2.2 A DIFICULDADE DOS DOCENTES EM MATEMÁTICA NA ABORDAGEM DAS QUESTÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE

Todo início de ano letivo as unidades escolares, repetem nas reuniões pedagógicas iniciais, a mesma coisa. Na elaboração e/ou na alteração do Plano Político Pedagógico (PPP) se promete de que no ano letivo serão trabalhadas de forma transversal e/ou interdisciplinar as questões relacionadas a gênero e diversidade. Ocorre, porém que a maioria não cumpre o prescrito no Plano Político Pedagógico (PPP).

Confesso que também não abordava estas temáticas, pois não tinha o mínimo conhecimento sobre os assuntos, e acredito que a maioria dos profissionais da educação ainda hoje infelizmente não aborda o assunto pela falta de conhecimento, mas não somente por isto.

Professor atualmente em três Unidades Escolares, fiz o levantamento sobre o dia da Consciência Negra, que comemoramos (ou deveríamos comemorar) no dia no dia 20 de novembro, e, neste último perguntei nas 15 (quinze) turmas as quais leciono se em algum momento, em alguma das disciplinas ou professores, exceto eu da disciplina de matemática, tinham abordado ou comentado alguma coisa a respeito do dia da Consciência Negra e a resposta foi negativa.

Existe toda uma legislação e aparato legal para desenvolvemos estas atividades nas escolas, mas ainda não o fazemos, ou pelo menos não o fazemos da melhor forma possível.

É necessário lembrar-se das políticas públicas de gênero no campo educacional. São elas:

- Políticas Públicas de Gênero;
- Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997-1998);
- Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (2009);
- Planos Nacionais de Educação (2001-2010) e (2014-2014);
- Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH/2007)
- Plano Estadual de Santa Catarina (2003-2014);
- Resolução nº 132 do CEE/SC (2009) – Nome Social (2009);
- Proposta Curricular de Santa Catarina (2014).

Em conversa com alguns professores de matemática, e principalmente nas reuniões feitas por áreas afins nas unidades escolares, sempre os questiono se eles abordam os temas relacionados a gênero e diversidade e todos afirmam não abordarem assuntos relacionados a

este tema. Uma professora relatou: “Eu não trabalho essas coisas..., é complicado... eu não domino estes assuntos”.

Até este momento, não há histórico dos profissionais de matemática que conheço que trabalham e/ou trabalharam nas Unidades Escolares que tenham abordado com os alunos(as) as questões de gênero e diversidade na escola no planejamento da disciplina de matemática.

2.3 ABORDAGENS NO ENSINO DE MATEMÁTICA

Antes da especialização eu já buscava trabalhar alguns assuntos que envolvessem as questões de gênero e diversidade que estão previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997-1998). E desde 2014 faz uso em forma de projeto que a seguir será apresentado

2.3.1 Setembro Verde – estatística doação de órgãos.

No mundo atual os profissionais de educação têm que estar atentos não somente a sua disciplina em particular, mas sim ao todo, pois o público faz parte de um todo exigente, que oferece a todo tempo oportunidades seguidas de obstáculos.

O professor de matemática também deve ver os seus alunos desta maneira, como um todo, pois é necessário preocupar-se com a formação global do aluno, sendo a mesma parte deste todo e responsável pela formação do mundo futuro.

Em matemática, além de trabalhar o indivíduo para a sua formação global, também é necessário, logicamente, trabalhar com os conteúdos desta disciplina, pois estes são importantes para que os mesmos sejam inseridos neste mundo tão cheio de “problemas matemáticos”.

Os alunos, quando vistos desta forma, tanto pela escola quanto pelos professores, só tem a ganhar, pois encontra dentro das disciplinas uma porta aberta para um mundo universal, onde a Ética, a Pluralidade Cultural, o Trabalho e Consumo, a Orientação Sexual, o Meio Ambiente e a Saúde, fazem parte e é também parte dos temas Transversais, que atualmente estão presentes, de diversas maneiras nas matérias da grade curricular.

Dentre os temas Transversais, um se destaca por fazer parte da curiosidade e da roda de discussões dos jovens em idade escolar, a Orientação Sexual. Esse tema tão debatido, cheio de dúvidas, é um ótimo ponto de partida para ensinar diversas disciplinas, pois ele gera um ambiente motivador, fazendo com que todos se interessem e queiram participar

ativamente das discussões, transformando o ambiente de aprendizagem tradicional em um ambiente de aprendizagem significativo.

Em matemática esse tema pode ser desenvolvido dentro de diversos conteúdos. Não é necessário que o professor de aula sobre Sexualidade, mas ele pode e deve usar esse tema para resolver situações problemas dentro dos conteúdos de matemática, como por exemplo, problemas que envolvam tabelas e gráficos.

Nessa direção, durante o ano de 2016 foram abordados os seguintes assuntos relacionados à matemática:

- Estatística sobre a incidência de gravidez entre os jovens.
- Evolução da Aids, entre os jovens, mulheres, crianças, etc.
- Estatísticas sobre doenças sexualmente transmissíveis.
- Estatísticas sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Parte do projeto deste ano foi divulgado no Jornal A Notícia (caderno AN Escola) no dia 29/11/2016, do trabalho realizado na Escola de Educação Básica Dr. Paulo Medeiros na cidade de Joinville/SC.



Figura 1 – Projeto Setembro Verde
Fonte: Jornal “A Notícia”

Também se pode conferir a divulgação no facebook da EEB Dr. Paulo Medeiros – Joinville/SC através do link:

<https://www.facebook.com/escolapaulomedeiros/photos/pb.532977716832460.-2207520000.1480616711./917044908425737/?type=3&theater>

Temos então aqui algumas das possibilidades de abordarmos as questões de gênero e diversidade na escola.



Figura 2 – Projeto Setembro Verde – Questões abordadas
Fonte: Osmar da Maia Júnior

É possível avaliar as necessidades dos alunos e de forma interdisciplinar também abordar outros temas relacionados conforme demonstrado no organograma acima.

O projeto é voltado para fins estatísticos, com ênfase na Saúde, Sexualidades, religião, atualidades, conforme cita Neumann (1997):

O transplante de órgãos humanos e a doação de órgãos são temas polêmicos que têm despertado interesse e discussões em várias comunidades. A falta de esclarecimento, o noticiário sensacionalista sobre tráfico de órgãos, a ausência de programas permanentes voltados para a conscientização da população e o incentivo à captação de órgãos contribuem para alimentar dúvidas e arraigar mitos e preconceitos (p. 26).

Os resultados são extraordinários. Relatos de pais que enviam correspondência para a escola parabenizando pelo trabalho diversificado e por matemática abordar assuntos tão atuais e polêmicos, relatos de alunos e professores que são transplantados, e, infelizmente dos óbitos

que são ocorridos no ano letivo que levaram os alunos, familiares e ente queridos a ajudar na decisão importantíssima em doar órgãos.

Na segunda edição deste projeto envolvemos os alunos das séries iniciais anos finais e ensino médio.

Como o projeto envolvia também a decoração da Unidade Escolar, os alunos das séries iniciais anos iniciais que por sua vez, me procuraram e reclamaram que eles também eram estudantes da escola e queriam participar. Então, a partir daí, fiz uma conversa com a direção e professores e os envolvemos também.

Para a surpresa de toda a unidade escolar, eles foram muito participativos e inclusive fizeram até um concurso interno com desenhos relacionados ao tema.

Nesta última edição também houve a procura por parte de dois alunos que buscavam informações de como poderiam estar desenvolvendo projeto similar para apresentação no curso de enfermagem que fazem paralelamente ao ensino médio.

Lembramos também que nestas situações a compreensão é fundamental e necessária.

Hoje, com a modificação dos critérios de morte, surgem o conceito de morte encefálica e a possibilidade de utilização de órgãos e tecidos do doador. Quando não há uma boa compreensão do processo da doação de órgãos, os familiares dos possíveis doadores sentem-se apreensivos, em dúvida e indecisos no momento da ocorrência, por ser um assunto sobre o qual não têm muito esclarecimento (ALENCAR, 2006, p. 31).

2.4 MATEMÁTICA, GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Estar na escola dá a oportunidade de presenciar muitos acontecimentos que não ocorrem especificamente dentro da sala de aula.

2.4.1 Hora atividade e educação física

Por vez, estava participando de uma atividade esportiva na minha hora atividade e normalmente gosto de interagir com os alunos porque acredito que isto facilite a aproximação entre professor x aluno e, por algumas situações ocorrerão necessidade de minha intervenção no enfrentamento de preconceitos relacionados às questões de gênero.

A primeira dela foi quando um professor de Educação Física ao levar os alunos para a quadra de esportes para a prática de voleibol. Estando no desenvolver da aula havia uma aluna

que estava “interessada” em determinado aluno. No final da aula, o professor chamou aquele aluno e falou: “fulano, se fosse à minha época eu pegava”. O aluno por vez, respondeu: Professor, eu não tenho interesse em “pegar ela”, ela é minha amiga. Assim mesmo houve a insistência do professor: “Mas e daí, mesmo sendo amiga eu também pegava”.

Após a saída do aluno tive que conversar com o professor e pedir que ele observasse que os tempos mudaram e que as pessoas também mudaram e havia a necessidade dele também mudar. Que este discurso machista era desnecessário e não agregaria nenhum conhecimento para o aluno.

Em outra oportunidade, fui praticar aula de Educação Física com os alunos do sexto ano do ensino fundamental. A prática esportiva naquele dia era futebol. Então pedi permissão para o professor para poder participar. Então formado os times, masculinos para variar, iria dar início a partida, quando chegou uma aluna e me disse: Professor, eu quero jogar futebol. Imediatamente a maioria dos alunos disse que não que não era jogo de menina e que era para ela ir jogar bola em outro espaço. Então em conversa com todos, expliquei que a prática esportiva era para todos, e que elas poderiam jogar bola conosco sim, porque mulheres também jogam futebol...

A partir deste dia, os jogos de futebol passaram a ser de forma mista. E, para minha surpresa a aluna jogava futebol melhor do que eu e de que muitos meninos.

2.4.2 Matemática, educação física e abordagem sobre gênero

Oportunamente para diversificar as aulas de matemática com duas turmas do ensino médio, fomos para a quadra de esportes para disputarmos de duas modalidades esportivas, sendo a primeira modalidade um jogo de basquete e a segunda modalidade um jogo de futebol.

No jogo de basquete não houve a necessidade de intervenção, pois ocorreu naturalmente uma seleção entre os jogadores e formou-se nas duas equipes um time misto. Como parte da tarefa, teria que um aluno registrar os dados estatísticos, e, nas duas equipes foram duas alunas as escolhidas e/ou indicadas para fazer os registros para posterior estudo estatístico.

Já na partida de futebol, já de início na organização dos times tive que intervir e rever com os alunos a questão de gênero. Os meninos não queriam a participação das meninas sob nenhuma hipótese. Além de não deixarem as meninas participarem também não queriam que

eu participasse, por julgarem que meu “fisiotipo” e/ou pela “idade” não teria um desempenho esperado no jogo de futebol.

Aqui, temos claramente situações que nos permitem abordar as questões de gênero e diversidade na escola, através de uma atividade que envolve o que a maioria dos alunos gosta.

Segue abaixo um dos modelos de organograma elaborado para o debate desta atividade.

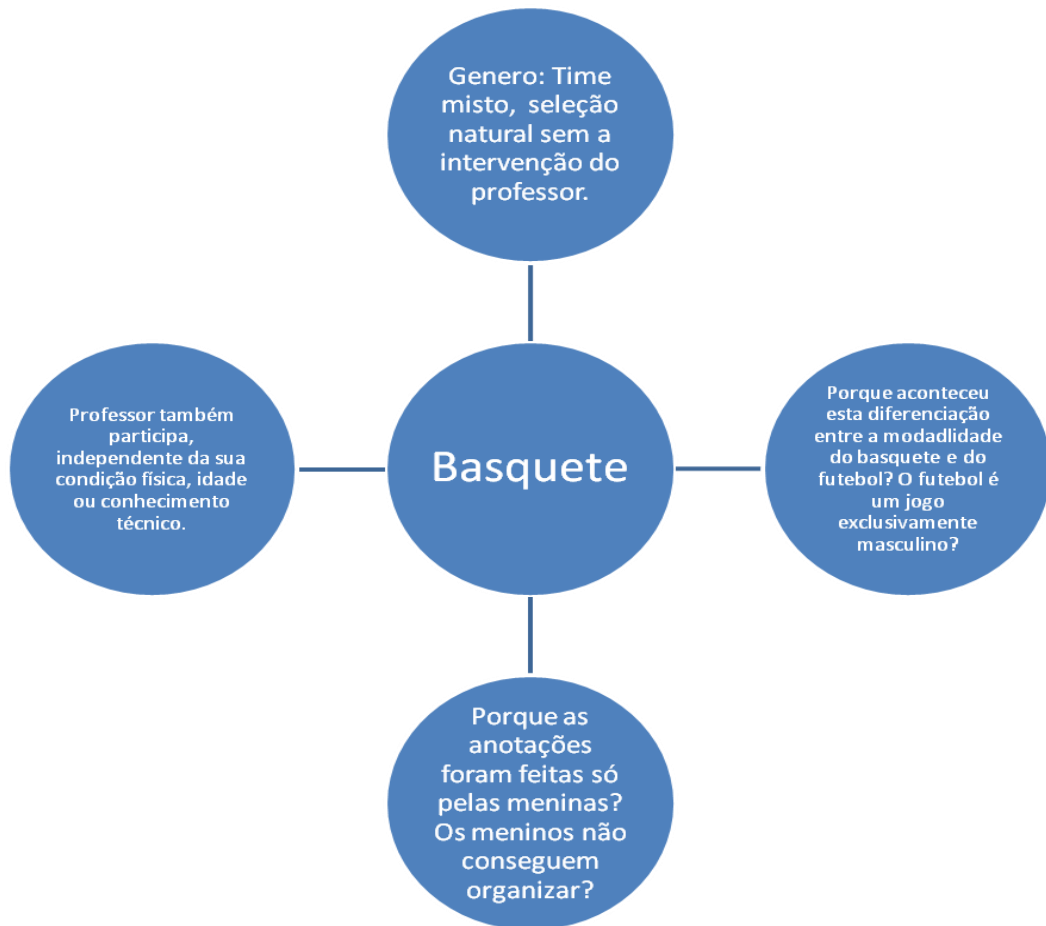


Figura 3 – Organograma para modalidade basquete
Fonte: Osmar da Maia Júnior

Para a modalidade do futebol:

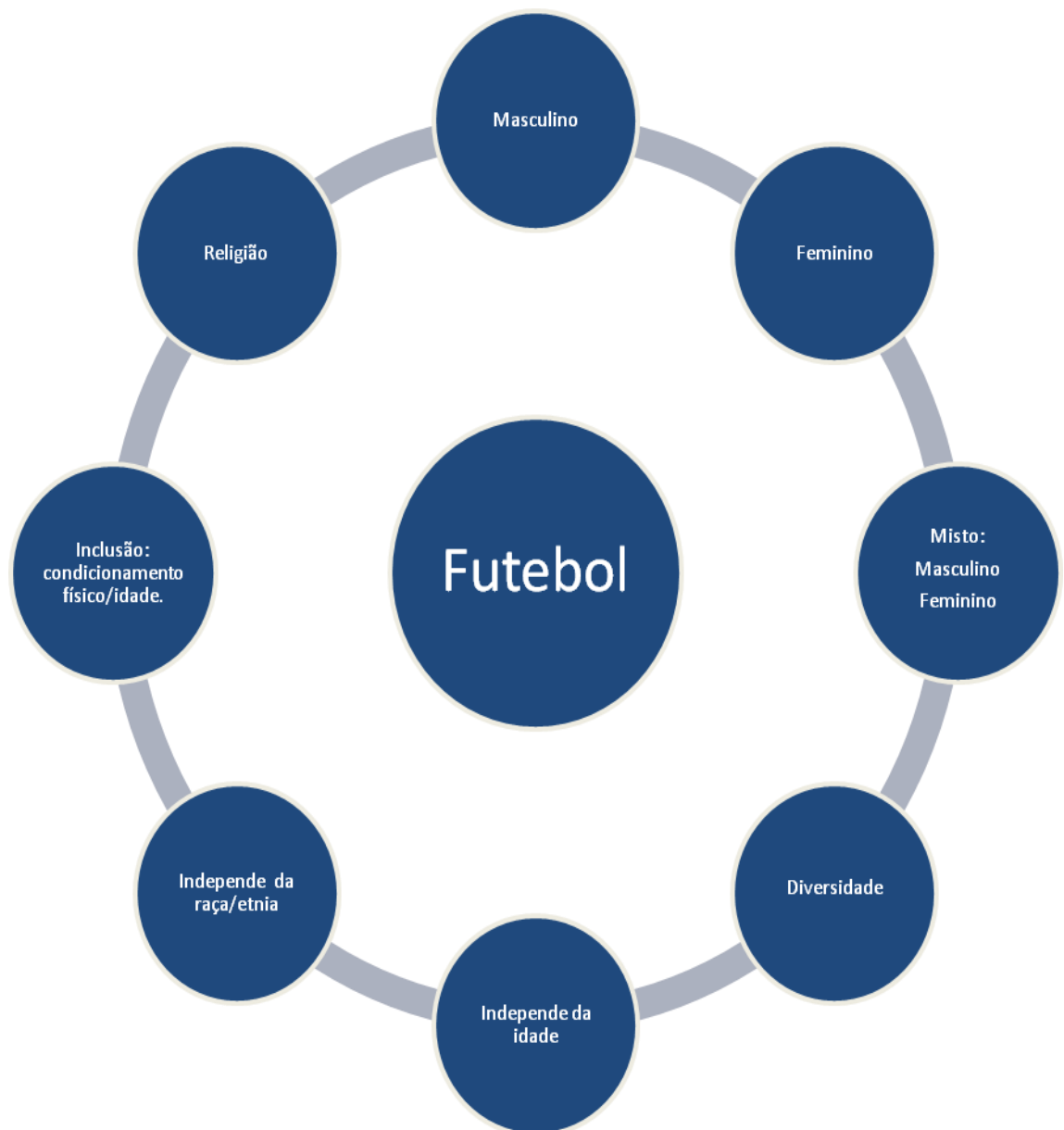


Figura 4 – Organograma para modalidade futebol
Fonte: Osmar da Maia Júnior

2.5 CHAVEIRINHOS NA ESCOLA

Chegando à escola neste ano letivo, escola esta que frequentam alunos do Ensino Fundamental Séries Iniciais dos Anos Finais e também Ensino Médio, um aluno, que ainda não o conhecia pelo fato de ser o primeiro dia do ano letivo, olhou para meu chaveiro, olhou de cima a baixo e disse: “Nossa nesta escola só tem professores gays”.

Então percebi que o meu chaveiro incomodou aquele aluno e não resolvi falar nada a princípio.

No decorrer do ano letivo, fiz a troca de chaveiro por diversas vezes e como no sétimo ano trabalhamos com figuras geométricas então resolvi desenvolver um projeto com os sétimos anos.

O projeto envolveu a confecção de chaveiros em Patchwork e posteriormente a apresentação em uma feira promovida na unidade escolar.

Para a surpresa de todos, tanto as meninas quanto os meninos queriam confeccionar os chaveiros. O maior anseio era por parte dos meninos, estavam muito empolgados.

Na apresentação da feira, os alunos explicaram sobre a cultura do uso de chaveirinhos, o vínculo existente no planejamento escolar (figuras geométricas) e a questão de gênero e diversidade na escola e fora dela também.

Antecedente a feira, eu com alguns alunos passamos para fazer os esclarecimentos em todas as salas e neste momento então eu fazia a explicação do que havia acontecido no primeiro dia de aula e explicava que a questão de usar um chaveiro que a minha “esposa faz com tanto amor e carinho para eu usar” não me torna um “gay”, pelo fato de estar usando um chaveiro “diferente”, e muito menos o uso do meu chaveiro faria dos outros professores na unidade escolar gays.

Necessário se faz esta desconstrução e a abordagem sobre as questões de gênero e diversidade nas escolas, pois, costurar também é coisa de homem bem como a matemática é coisa de mulher.



Figura 05 – Chaveiros costurados
Foto: Osmar da Maia Júnior



Figura 06 – Chaveiros costurados
Foto: Osmar da Maia Júnior



Figura 7 – Chaveiros costurados
Foto: Osmar da Maia Júnior

2.6 A COSTURA, GÊNERO E MATEMÁTICA

Em outra escola, tínhamos também um desafio de organizarmos a sala onde eu como professor regente teria a missão de ajudar os alunos. Era um sétimo ano e também no planejamento tínhamos questões que envolviam medidas e figuras geométricas.

Nesta sala de aula, não havia cortina, então, resolvemos colocar cortinas na sala, com o detalhe de que nós mesmos a confeccionaríamos.

Como na ocasião minha esposa havia ganhado uma máquina de costura antiga, e eu havia acabado de retirar ela de uma revisão, resolvemos usar a máquina de costura para fazer as cortinas.

Ganhamos todos os materiais para a confecção das cortinas, mas tínhamos a tarefa de fazê-las. Todos os alunos se envolveram e iniciamos, primeiro uma aula sobre as medidas. Medimos as janelas, altura, largura, enfim, fizemos todas as anotações. Depois das medidas, fizemos os cortes nos tecidos e em outra aula iniciamos as costuras.

Foi muito gratificante, usamos a sala de artes que tinha um espaço mais apropriado e todos costuraram. Alguns meninos que não queriam costurar, eu sugeria, experimenta para ver se você gosta, e eles experimentavam. Claro que também houve comentários de que costura era “coisa de mulher” e na época eu lembro de ter dito que não, que eu costurava e eu até havia trabalhado em uma profissão quando adolescente que usava muito a máquina de costura que era em uma estofaria. Comentei também que antigamente existia um cargo na Secretaria de Segurança Pública (Polícia Militar) que era de estofador, que reformava os estofados das viaturas entre outras coisas, mas hoje, esta profissão na Secretaria de Segurança Pública esta extinta.

Nesta época eu não conhecia ainda as questões de gênero e diversidade mas já fazia sim questionamentos.

2.7 MATEMÁTICA E A DANÇA

Tínhamos um projeto na escola que deveria haver uma apresentação. Dois sextos anos do ensino fundamental séries finais. O tema escolhido pelos alunos foi matemática e dança. Assunto que causou muita polêmica entre os alunos, a partir da escolha da coreografia e da música. A coreografia ficou sob a responsabilidade de um aluno que tinha facilidade para dança, então ele escolheu também uma música, a música da Anita “Blá blá blá”.

Muita discussão por parte dos meninos que não queriam apresentar porque julgaram que a música era de menina e que eles não eram meninas e não iriam dançar, que só gay dançava aquele tipo de música.

Então expliquei para todos que um dos meus desejos era saber dançar e com este projeto eu também estaria aprendendo.

Que não era por causa da escolha de uma música, de uma coreografia que me caracterizava como homem, mulher, gay ou lésbica.

Tinha também acompanhando dois segundo professores e um deles comentou que pelo fato de ter cursado o magistério, muitos o discriminavam, inclusive quando ele participava da escolher aulas para trabalhar.

A apresentação foi um espetáculo e a participação e entusiasmo de um aluno cadeirante foi extraordinário.

2.8 DEFICIÊNCIA E INCLUSÃO

Para mim a deficiência e inclusão sempre foram um desafio porque como professor de matemática tendo que atender todos os alunos, dar conta de instruir um aluno com deficiência e inclusão juntamente com todos os outros sempre foi um grande problema a ser resolvido.

Recordo que meu primeiro aluno com deficiência e inclusão foi um aluno que cursava o terceiro ano do ensino médio. Já estudava naquela Unidade Escolar nos anos anteriores e a sala já tinha uma “dinâmica” para ajudar aquele aluno. Existia um sistema de rodízio entre os alunos para ajudar a “atender” dele, este aluno que fazia parte do rodízio, ele ficava com ele o tempo integral, naquele dia ele sentava-se ao lado do aluno, e o acompanhava. Sempre fiquei frustrado porque ele nas minhas aulas era um corpo presente. Então, aos poucos descobri que conseguiria pedir para ele fazer alguns trabalhos manuais voltados para a disciplina de matemática, e assim consegui fazer com que ele se relacionasse e interagisse mais na sala de aula tanto com os demais alunos quanto comigo enquanto professor.

A especialização em Gênero e Diversidade na Escola me oportunizou um melhor preparo para poder desta forma atender, compreender e ajudar o aluno de deficiência e inclusão na escola para a vida.

A experiência que estou tendo com um aluno esta sendo muito gratificante. O aluno “Osmar” cujo nome aqui é fictício para preservar sua identidade, com laudo de Síndrome de Asperger e Deficiência Mental Moderada, no início do ano não tinha o acompanhamento de um segundo professor.

Após meses, contratou-se um segundo professor. Antes disso, nas aulas de matemática eu já havia estabelecido uma didática de trabalhar com ele. Após a chegada da segunda professora, esta por sua vez, trazia muitas tarefas e afazeres que não condizia com a realidade e necessidade do aluno, e, por muitas vezes o deixava desmotivado e irritado.

Então, conversando com a professora, expliquei a conduta que eu tinha em sala de aula com o “Osmar” e qual a real importância dela em me ajudar no conteúdo estabelecido do Planejamento Escolar.

Por sua vez, ela se justificou de que ela normalmente agia desta forma e trazia as tarefas e mais tarefas porque acreditava que se ela não o fizesse assim os professores acabariam julgando que ela não estaria fazendo nada e desta forma fariam reclamação para a orientação escolar e/ou direção de sua conduta enquanto segunda professora.

Entre muitas conversas, forneci para professora a cartilha da Terminologia sobre Deficiência na Era da Inclusão¹ de Romeu Kazumi Sassaki² que foi estudado neste curso de especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculada ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, que recomendo a todos.

Em conselho de classe, esta professora elogiou o trabalho que desenvolvo com o aluno e afirmou aos presentes de que sou o único professor que faz realmente um planejamento e acompanhamento diário com o aluno.

Então, neste momento aproveitei a oportunidade e fiz uma breve fala sobre a necessidade de estarmos preparados para melhor atendermos nossos alunos. São nestas oportunidades em que os professores de matemática ou não, faremos a diferença. Então dentro ou fora da sala de aula, no ambiente escolar precisamos sim falar sobre Gênero e Diversidade na Escola e matemáticos não apenas podem, mas, devem abordar as temáticas.

Sobre a deficiência e inclusão ainda cito Mello e Nuernberg:

A deficiência não se encerra no corpo, ela consiste no produto da relação entre um corpo com determinados impedimentos de natureza física, intelectual, mental ou sensorial e um ambiente incapaz de acolher as demandas arquitetônicas, informacionais, programáticas, comunicacionais e atitudinais que garantem condições igualitárias de inserção e participação social.” (MELLO e NUERNBERG, 2012, p. 636)

¹ Trabalho inserido nas seguintes publicações: VIVARTA, Veet (org.). Mídia e eficiência. Brasília: Agência de Notícias dos Direitos da Infância / Fundação Banco do Brasil, 2003, p. 160-165.

VIVARTA, Veet (org.). Medios de comunicación y discapacidad: análisis periodístico desde la óptica de los derechos del niño. Brasília: Save the Children Suecia, Agência de Notícias dos Direitos da Infância e Fundação Banco do Brasil, 2004, p. 160-165.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. Revista Nacional de Reabilitação, São Paulo, ano 5, n. 24, jan./fev. 2002, p. 6-9.

² Consultor de inclusão social e autor dos livros Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos (5.ed., Rio de Janeiro: WVA, 2003) e Inclusão no Lazer e Turismo: em busca da qualidade de vida (São Paulo, Áurea 2003).

Nos últimos tempos houve muito desenvolvimento em várias áreas do conhecimento, mas o que já temos feito ainda não chega a ser suficiente, necessitamos fazer mais, muito mais para vencermos todas estas barreiras impeditivas e combater os fortes ataques ao gênero e a diversidade.

2.9 SEM VOZ, MAS NÃO INCAPAZ

Em determinadas ocasiões, pelo fato de ter sofrido um assalto com agressões físicas e fraturas nos ossos da face e tendo feito várias cirurgias corretivas para voltar a poder respirar normalmente, estive temporariamente por diversas vezes, sem voz.

Como os médicos constatavam de que não havia infecção e de que também não havia febre, eu teria que dar aula e não conseguia um determinado tempo para melhor me recuperar.

Então, nestas ocasiões, combinei com os alunos de que estaria promovendo as “aulas legendadas”, onde através do projetor (data show), interagindo completamente com as classes sem dificuldades. Ao contrário do que eu esperava, foi muito receptivo e produtivo. Os alunos por vezes faziam perguntas do tipo: “Que hora são professor?” para verificar se realmente eu fazia a digitação ou se havia um discurso e uma aula pronta, gravada.

Não me tornava um incapaz pela falta temporária da voz, consegui me adaptar e manter o interesse e a participação de todos os alunos e tudo transcorria bem. Em determinado momento, a direção me chamou e não queria permitir minha permanência na sala de aula, pois queriam que eu tirasse atestado e me afastasse da escola, porém era negado pelos médicos.

Então, prosseguia com as aulas legendadas e a experiência foi ótima, pois desta prática desenvolvemos um trabalho sobre deficiência e inclusão.

A deficiência não se encerra no corpo, ela consiste no produto da relação entre um corpo com determinados impedimentos de natureza física, intelectual, mental ou sensorial e um ambiente incapaz de acolher as demandas arquitetônicas, informacionais, programáticas, comunicacionais e atitudinais que garantem condições igualitárias de inserção e participação social.” (Mello & Nuernberg, 2012, p. 636)

2.10 A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA – MATEMÁTICA E AS QUESTÕES DE GÊNERO

Sexto ano do ensino fundamental das séries iniciais anos finais, aluna de 14 anos, mãe de recém nascido, convive em “união estável” com detento.

Ao me deparar com a quantidade de faltas que a aluna tinha já no início do ano e como professor novo na unidade escolar, não tinha o conhecimento de que a aluna era mãe, de recém-nascido.

Ao solicitar que a orientação escolar verificasse o que estava acontecendo pela quantidade de faltas que a aluna já apresentava no início do ano, fiquei sabendo de que a mesma engravidou de 13 para 14 anos.

Quando ela retornou a escola, conversei pessoalmente sobre a situação, questionei se ela estava tendo algum auxílio por parte do pai da criança, uma vez que ele estava detido e a mesmo informou que não, pois ele não trabalhava registrado e aí ela não conseguiria o benefício.

A alegação de que ela fez é que sua amiga, também da mesma idade, também mãe de um bebê de outro detento.

A escola não adotou nenhuma atitude com relação a esta situação, em nenhum momento houve uma orientação para com os demais alunos da classe.

Embora na classe a faixa etária varia entre doze a quinze anos, fiz a abordagem e desenvolvemos um trabalho relacionado ao tema para que houvesse uma conscientização a respeito.

Infelizmente, por mais que tentássemos resgatar a aluna para a escola ela se evadiu e certamente foi encaminhada para o conselho tutelar.

No momento não me ative muito a questão das construções sociais sobre a gravidez na adolescência, mas certamente além de ser um problema grave de saúde pública também é um problema de cunho social³.

Por que acontece a gravidez na adolescência?

Já não causa tanto espanto sabermos que meninas de 10, 11, 12 anos tenham vida sexual ativa, assim como aparecem em consultórios portando alguma doença sexualmente transmissível (DSTs) e ou grávida.

O que levaria as adolescentes a engravidar? Nunca foi tão divulgado os meios para evitar a gravidez como nos dias atuais, e mesmo assim, o número de adolescentes grávidas á cada vez maior. Muitos os motivos que tornam uma adolescente mais vulnerável a uma gravidez, mas o principal deles é a falta de um projeto de vida, a falta de perspectiva futura.

³ Uma abordagem muito esclarecedora é a cartilha da gravidez na adolescência, disponível em http://www.picarelli.com.br/magali/cartilha_gravidez.htm, que é de uma linguagem bem usual e que fora apresentada nesta especialização que cito: https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/98070/mod_resource/content/1/Cartilha_Gravidez_Adolesce%CC%82ncia.pdf

Não podemos dizer que toda gravidez na adolescência é indesejada, indesejadas são as gravidezes que acontecem por abuso sexual ou por falha de métodos anticoncepcionais.

A maioria das gravidezes na adolescência não é planejada, isto é, acontecem sem intenção, causadas por diferentes fatores individuais ou sociais. Porém, não é por isso que a gravidez não vai ser bem vinda. Existem vários fatores que contribuem com esse quadro;

Os repetidos casos que aparecem nos consultório de psicólogos e médicos apontam que muitas dessas adolescentes possuem um desejo de serem mães, da qual ela não tem consciência.

A falta de um projeto de orientação sexual nas escolas, família, comunidade de bairro, igrejas.

A mídia é outro vilão nessa questão, exagerando na erotização do corpo. Algumas pessoas que são vistas na passarela, revista, cinema e televisão são para os adolescentes verdadeiros ídolos, ídolos esses que passam uma imagem de liberação sexual, e a tendência de um fã é sempre copiar o que seu ídolo faz.

A falta de informação dos pais de adolescentes é um fator fundamental. Não havendo em casa alguém que possa informá-los, que sirva de modelo, que tire suas dúvidas e angústias, como esperar dos adolescentes comportamentos mais adequados? Como querer que eles aguardem o tempo mais adequado para aproveitar a sexualidade como algo bom, saudável e necessário para o ser humano.

Por isso, o controle pré-natal é muito importante para a adolescente grávida. Quanto mais cedo a adolescente começar o acompanhamento pré-natal, melhores serão os cuidados com a sua saúde e a saúde do bebê.

Lembrando que a adolescente não fica grávida sozinha, é fundamental que os adolescentes homens participem de todo o processo, e nos cuidados necessários que devem ser tomados durante e após a gravidez.

2.11 DO OUTRO LADO

Não tinha ainda me imaginado um dia ter que me fantasiar de mulher para uma apresentação na unidade escolar. Este dia chegou. E agora?

2.11.1 Dia do cinema na escola

Em 31 de outubro de 2016 em uma das UE ao qual trabalho, no lugar de ser comemorado o Dia das Bruxas – Halloween foi comemorado o dia de cinema na escola. Este dia foi escolhido para podermos respeitar os alunos que não se sentiam a vontade com a questão de Halloween e fantasias típicas, então com o dia do cinema, cada um poderia vir fantasiado da forma que se sentisse bem.

Especialmente eu escolhi a personagem Julia Robert do filme “Uma Linda Mulher”. Confesso que fui meio que no impulso na escolha da personagem que iria representar.

Então, minha esposa e filha me ajudaram nos preparativos, chapéu, bolsa, vestido e claro, não poderia faltar o “batom”.

No dia, pedi ajuda para minha filha que cursa o primeiro ano do ensino médio, com quinze anos a me ajudar a “fechar” o vestido que estava me aprontando no banheiro dos professores e aí pedi para ela então guardar minhas roupas no carro. No lado de fora do banheiro estava uma servente, que aguardava para iniciar a limpeza nos banheiros. Neste tempo em que minha filha foi e voltou do carro para terminar de me arrumar eu pensei milhões de vezes de que não teria a coragem de sair daquela forma. Muitas perguntas rondavam minha cabeça, medo, apreensão, e tantas coisas mais se passaram pela minha cabeça.

Então eu disse: “filha, eu não vou conseguir sair deste banheiro desta forma”. Ela disse: “Pai, você vai sim, e me empurrou para fora do banheiro que deparei com a servente da escola que prontamente sorriu para mim e disse: “Professor você ficou bonito”.

Acho que aquilo me deu uma “força”, respirei e fui. Daí tudo transcorreu bem, fizemos apresentações, foi muito divertido, tirando o fato de que quase rasguei o vestido da minha esposa por pisar na saia várias vezes e também de ficar me preocupando se o “batom estava borrado ou não”.

A melhor parte foi quando minha filha se apresentou, daí eu gritava feito louco: “Gente, é a minha filha que está ali”. Para mim, estar do outro lado foi uma experiência muito difícil. Muitos tabus e medo de preconceito. Não se pode então imaginar então como se sentem as pessoas que sofrem com preconceitos e ataques relacionado a gênero e diversidade.

Nos dias de aula subseqüentes fiz a reflexão com os alunos e compartilhei as dificuldades que havia encontrado para esta apresentação.

Nesta experimental apresentação fiz a abordagem das questões que envolvem gênero e diversidade. Fiz o registro da extrema dificuldade em locomover de vestido e usar batom sem borrar. É sério, não sei como conseguem e eu ainda estava usando os meus sapatos. Imagine se tivesse colocado um sapato “feminino de salto alto”.

Estando em um ambiente familiarizado com pessoas já conhecidas (alunos, professores, funcionários), sabendo de que era um dia festivo com atividades diferenciadas na escola, mesmo assim, houve muitos “olhares” de reprovação, a violência oculta.

Fácil foi imaginar, extremamente difícil foi vivenciar e gratificante é compartilhar.

2.11.2 A experiência auditiva

Tenho perda auditiva nos dois ouvidos, mas no ouvido direito minha carência é mais grave necessitando o uso de aparelho auditivo.

Procurei várias clínicas para experimentar um aparelho auditivo, mas pela necessidade de ser em apenas um ouvido, minhas tentativas foram em vão.

Então através de um grupo de Whatsapp que participo aqui de Joinville/SC, postaram uma mensagem de que necessitavam de pessoas para experimentar um sistema para reprodução de som em celular com o uso do fone de ouvido, buscando beneficiar as pessoas com perda auditiva.

Aceitei de imediato porque era a experiência que eu necessitava para verificar o quanto eu já não ouvia mais. Chegando à Associação Comercial e Industrial de Joinville, fui até o local indicado e me apresentei para o teste. Fui recepcionado pelos atendentes que lá estavam para conseguir aprovação do projeto para angariar verbas para o seu desenvolvimento.

Ajustado o teste no computador conforme minha necessidade auditiva, usando o fone de ouvido indicado primeiramente ouvi uma música como escuto hoje, sem o auxílio de aparelhos auditivo, o que para mim não teve novidades. Seguidamente a mesma música só que desta vez, com os ajustes conforme minha deficiência. O teste foi filmado e a minha expressão de ouvir novamente foi indescritível.

Com a filmagem realizada eles conseguiram aprovar o projeto. Fiquei muito feliz em saber o quanto eu não ouço mais e o quanto isto prejudica meu dia a dia na escola e fora dela.

Perdi as contas de quantas clínicas estive para fazer um teste parecido como este em vão.

É necessário que também nesta esfera haja um desenvolvimento neste sentido. Fiquei muito insatisfeito com as experiências nas clínicas que comercializam os aparelhos auditivos.

Já pelo Sistema Único de Saúde (SUS), continuo aguardando o envio do aparelho e já fiz agora os testes com vários aparelhos para saber qual deles eu me adaptaria melhor. No teste eu tinha um tempo para poder sair do prédio e ouvir os sons do lado de fora.

Nossa, para mim foi surpreendente, pude ouvir os pássaros cantando, o barulho de um pneu trepidando no paralelepípedo, o barulho da chuva, foi uma experiência incrível. Realmente não dá para descrever esta sensação de ouvir novamente.

Continuo no aguardo do envio do aparelho auditivo pelo Sistema Único de Saúde (SUS), mas confesso que fui muito bem atendido pelos profissionais e digo mais, foi o melhor atendimento que já tive até hoje.

A reflexão agora então é: As pessoas que não possuem perda auditiva, podem imaginar o que um deficiente auditivo sofre, mas não pode julgar saber pelo que ele passa. Assim como todas as outras categorias de deficiência e inclusão.

Associado a tudo isto, é muito fácil fazer uma mesa de conversação sobre as questões de deficiência e inclusão. Pois basta na primeira que peço para o aluno repetir a sua pergunta porque não o ouço e eles respondem “o professor está surdo”, estabeleço uma relação sobre as questões de deficiência e trabalhamos as questões por eles escolhidas.

2.12 FORA DA ESCOLA

Para aquelas pessoas que não tem acesso ao curso de especialização, temos a missão de promover debates, bate papos, estudos relacionados a gênero e a diversidade conscientizando e trazendo as informações e para isto, poderemos fazer:

- projetos direcionados para as associações de moradores – clube de mães, nos projetos sociais e esportivos;
- projetos direcionados para as Igrejas;
- projetos direcionados para as empresas;

Não se pode esquecer também da atuação em que temos determinante sobre as famílias e ente queridos.

Vamos ressaltar que ajudando a melhorar a vida dos outros, a nossa vida se torna melhor também. Vamos fazer a nossa parte.

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

3.1 Tipo de estudo

Referente ao tipo de estudo se adotou a pesquisa qualitativa, pois, conforme Silva (2005) a pesquisa qualitativa:

pode ser definida como a que se fundamenta principalmente em análises qualitativas, caracterizando-se, em princípio, pela não utilização de instrumental estatístico na análise dos dados. Esse tipo de análise tem por base conhecimentos teórico-empíricos que permitem atribuir-lhe cientificidade. (Zanella, 2014 p. 35)

Assim, para este estudo foi importante a pesquisa qualitativa porque a mesma vê que a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa e sendo um relato de experiência é o tipo de estudo que mais se aproxima.

3.2 Cenário, população e amostra do estudo

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi selecionada a Escola Pública “EEB Dr. Paulo Medeiros”, no qual é a escola em que o pesquisador atua como professor de Matemática, no município de Joinville/SC, e como participantes alunos (as) desta escola.

3.3 Coleta dos dados

Para a coleta foram usados dados primários e secundários. Os dados primários são aqueles levantados originalmente por este estudo e serão representados pelas informações colhidas da população participante. Já, os dados secundários são aqueles que já foram levantados para outros fins que não os deste trabalho. Neste caso, trata-se da pesquisa bibliográfica realizada.

Assim, neste trabalho monográfico, se realizou uma proposta metodológica de pesquisa de campo com alunos (as) da EEB Dr. Paulo Medeiros em Joinville/SC, local, que o pesquisador trabalha enquanto professor. Para tanto se realizou um relato de experiência mostrando algumas experiências pedagógicas abordando a temática gênero e diversidade, na qual se fundamentou teoricamente em alguns autores pesquisados em uma pesquisa bibliográfica com pesquisas através de coleta em livros, revistas, artigos e site da internet, que conforme Leite (2012 p. 30): “Esse tipo de pesquisa é desenvolvido principalmente fundamentado em livros e artigos científicos”, ou seja, é o primeiro passo de uma pesquisa.

3.4 Análise dos dados

O processo de análise dos dados foi realizado através de uma análise descritiva. Pode-se dizer que a análise descritiva consiste em uma técnica de análise de dados utilizada para “relatar o comportamento de variáveis em uma determinada população ou interior de uma subpopulação, fazendo uso de instrumentos disponibilizados pela estatística” (CONTANDRIOPOULOS, 1994, p. 51).

Portanto, após os dados coletados, foram analisados, relacionando os dados coletados na pesquisa de campo aos dados coletados na fundamentação teórica ou em novos autores, quando julgados necessários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final deste estudo sobre a abordagem da temática gênero e diversidade nas aulas de Matemática compreendi que a metodologia aplicada aliada as práticas pedagógicas pelos docentes em matemática é fundamental no desenvolvimento das questões de gênero e diversidade na escola.

Acredito que a maioria não sabe de que forma abordar os temas que presentes estão no cotidiano escolar.

Nas conversas mantidas com profissionais da área, não teve um que afirmou abordar a temática, todos fora enfáticos em falar que não tratam do assunto ou desconhecem.

Em 19 de agosto de 2016 através de e-mail formalizado para a coordenação do GDE fiz o questionamento de quantos professores de matemática haviam se inscrito para esta especialização e, em 23 de agosto de 2016 recebi a resposta de que até onde se tinha o conhecimento eu era o único matemático inscrito para a especialização de Gênero e Diversidade na Escola.

Não posso julgar os professores que não tem este conhecimento porque até mesmo eu não tinha. Já abordava em alguns momentos sim questões relacionadas mas sem saber, sem conhecer, sem ter uma fundamentação, uma melhor orientação.

Existe ainda muita pouca pesquisa neste sentido, e certamente no campo da matemática também poderá se desenvolver significativamente.

Embora já se tenha pesquisas a respeito, ainda que recentes, é muito importante lembrarmos que ainda necessitamos avançar muito nas questões de gênero e diversidade na escola e fora dela também.

A omissão é uma escolha, uma opção. Nós educadores não podemos ser omissos, fazer de conta que tudo isto não acontece nas unidades escolares. Fazer de conta que não enxergamos que tudo isto ou parte disto acontece com nossos alunos, professores, e com as pessoas no sentido geral.

Conforme Debarbeix e Blaya:

A omissão é percebida pelo aluno quando eles sentem que ninguém no ambiente escolar se importa com as situações de violência, e que ela é responsável por sua própria segurança e justamente nesse momento se instala o medo (Debarbeix e Blaya, 2002).

Desenvolver metodologias que contemple as questões de gênero e diversidade na escola voltada para a disciplina de matemática é uma das questões que se deve ficar atento, aliada as práticas pedagógicas e de forma ética.

Estes exemplos de metodologias e práticas pedagógicas foram facilmente adaptadas no Plano Político Pedagógico das Unidades Escolares e contempla também o Planejamento Escolar.

Vamos juntos então deixar a omissão e focar na missão e partir para a realização.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian. (Coord.). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de violência, Ministério da Educação, 2005. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265por.pdf> Acesso em 20 nov 2016.

Violências no Cotidiano das Escolas. In (Org.). Escola e violência. Brasília: UNESCO, 2002. p. 67-86. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128717por.pdf> Acesso em: 21 out 2016.

ANDRADE, Marcia. **Diferenças e equidade de gênero em matemática no contexto do ensino médio.** Dissertação (Mestrado)-Departamento de Matemática, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

ANDRADE, Marcia. FRANCO, Celso. CARVALHO, João Pitombeira de, **Gênero e desempenho em matemática ao final do ensino médio:** quais as relações. Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, n.27, 2003.

CARREIRA, Débora Bianca Xavier. **Violência nas escolas: qual o papel da gestão?** 2006. Tese (Mestrado)-Universidade Católica de Brasília, Brasília 2005. Disponível em <http://www.bdttd.ucb.br/tede/tde_busca/index.php> acesso em 2012-05-15

CONTANDRIOPOULOS, André Pierre. **Saber preparar uma pesquisa.** São Paulo: Hucitec, 1994.

DEBARBIEUX, E. BLAYA, C **“Violência nas escolas”:** divergências sobre palavras e um desafio político. In. DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas.** Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em:<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133967por.pdf> Acesso em: 05 nov 2016.

FERREIRA, A. B. H. *Aurélio século XXI:* o dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GRAUPE, Mareli; BRAGAGNOLLO, Regina. **As Diferenças de Gênero no Espaço Escolar.** Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra.** São Paulo, Peirópolis, 2000.

GROSSI; Miriam Pilar; FERNANDES, Felipe Bruno Martins; CARDOZO, Fernanda (Org.). **Sexualidades, juventude e práticas docentes:** uma etnografia da educação básica em escolas públicas de Santa Catarina. Florianópolis: Mulheres, 2014. No prelo.

LEITE, Fabiana Calçada de Lamare. **Metodologia da Pesquisa Científica**. – Florianópolis: Publicações do IF-SC, 2012.

ROCHA, Z. **Paixão, violência e solidão**: o drama de Abelardo e Heloísa no contexto cultural do século XII. Recife: UFPE, 1996.

SOUZA, M. C. R. F.; FONSECA, M. C. F. R. **Relações de Gênero, Educação Matemática e discurso - enunciados sobre mulheres, homens e matemática**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

YAMASAKI, Alice Akemi. **Violências no contexto escolar**: um olhar freiriano. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-19102007-150455/>>. Acesso em: 2012-05-05

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2014.